



O O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Outubro de 1947

N. 8

O Construtor

Virtude: Confiança em Maria.

Vício oposto: Falta de confiança em Maria.

O Construtor: "Maria, nossa esperança, tende piedade de nós". (300 dias de indulg.).

O Ajudante: "Maria, minha Mãe, minha Esperança". (300 dias).

Método: Começa o dia com actos de confiança em Maria. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: "Maria, nossa Esperança, tende piedade de nós", é um pedido de auxílio, dirigido a Maria. Pomos a nossa confiança em sua poderosa intercessão, já que Ela é a Medianeira de todas as graças, a Filha predilecta de Deus Padre, a devotada Mãe de Deus Filho e a fiel Esposa de Deus Espírito Santo. A aspiração, como ato de confiança, cultiva a fé filial no poder e bondade da Mãe de Deus, e expulsa a dúvida da alma, o medo do coração, os cuidados da mente. "Maria, minha Mãe, minha Esperança", não é só um ato de confiança; apresenta à vontade um motivo adicional de confiar em Maria. Ela é a nossa mãe, com o amor e a solicitude de uma mãe por seus filhos.

Na Defensiva: A tentação é a sorte comum de todos os mortais. O próprio Salvador permitiu a Satanás que O tentasse, no deserto, para a gula, a pressunção, a ambição e o desânimo. Mas a vitória de Cristo é penhor de nossa vitória. "A Jesús por Maria" foi o método do grande São Bernardo em tratar com todas as dificuldades e tentações da vida. Nossas aspirações, em tempos de tentação, levantam ao redor da alma uma dupla muralha de defesa; uma muralha de graça obtida daquela que, com pé virginal, esmagou a cabeça da serpente, e uma muralha de atos positivos da virtude da confiança na Mãe de Deus. Quanto mais violentas as tentações, tanto mais frequentes deveriam ser as nossas aspirações de defesa afim de tornar mais segura a posição da alma.

Na Ofensiva: Durante o Mês do Rosário, o "Ato de Consagração de Propriedade de Maria" é o mais apropriado. "Ó minha Senhora, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a vós. Guardai-me e defendei-me como cousa e propriedade vossa". Pomos à sua disposição todo o nosso ser, nossa vida com suas boas obras, suas orações e indul-

LIVROS

Dez Anos Debaixo da Terra, por Norbert Casteret; 2. edição; Livraria Tavares Martins, Porto, 1945.

— Não é preciso ser-se fotóforo para ter interesse nos tenebrosos abismos do interior da terra, nas escuras cavernas e grutas e nos misteriosos rios subterrâneos. Pelo contrário, o explorador dessas regiões interditas ao comum dos mortais deve abrir bem largos os olhos, ajudados pela fraca luz da lâmpada, para aproveitar suas excursões penosas. Mas então, há de descobrir maravilhas do reino mineral; há de desvendar os caminhos secretos da água e dos gelos. Como num livro aberto lerá a história dos homens e animais dos tempos pre-históricos. Enriquecerá os conhecimentos geológicos. Fecundará a técnica. A etnologia e a zoologia serão beneficiadas com os resultados de pacientes e eruditas pesquisas. Mas não é sem preparo sólido que o cientista se aventura nos abismos. Requerem-se, além da formação especial de geólogo, uma vasta cultura geral e uma boa dose de senso prático. De tudo isto dá testemunho o livro em apreço. Escrito com clareza e em estilo agradável, lê-se facilmente. Oxalá, contribuisse para que a nossa mocidade se desse de veras ao estudo consciencioso. — Sec.: C.

Aventuras do Dr. Kildare, por Max Brand; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Max Brand, autor americano, escreveu uma série de interessantes romances sobre o "Far-West" americano. Ao lado daquelas obras, criou o personagem do famoso Dr. Kildare. "As Aventuras do Dr. Kildare" mostram-nos como este jovem médico, interno num hospital, se dedica a pesquisas científicas sob a direção do velho Dr. Gillespie, na sua luta contra a ignorância e as dificuldades pro-

gências. Retemos apenas o intransferível mérito da graça e da glória eterna. Frequentes aspirações de confiança em sua solicitude maternal para com seus clientes reforçam a vontade na sua consagração a nossa Bemaventurada Mãe.

Aspirações de Reparação: Não despreza o Senhor a um coração contrito e sincero. Daí a lembrança de que pecados passados não deveriam encher a alma com desânimo e desespero. Frequentes grupos de aspirações a Maria aproximam o coração a seu divino Filho e alcançam a graça de arrependimento verdadeiro e de reconciliação.

Charles A. Imbs, S. J.

venientes de um desfavorável ambiente social. É ajudado nesta campanha por outros jovens médicos que, apesar de sua situação economicamente muito angustiosa, vêm em sua profissão uma missão junto à humanidade sofredora. Nisto têm um sublime exemplo no abnegado pai de nosso herói, também médico. Com toda naturalidade faz este grupo de médicos os maiores sacrifícios para salvar uma cidade inteira — apesar da má vontade que encontram, apesar das calúnias e perseguições de que são inicialmente inocentes vítimas. É verdade, não há indício que tal caridade fosse inspirada por motivos religiosos. Durante a leitura do livro vem-nos à mente a palavra de um grande médico brasileiro, Dr. Antônio Felício dos Santos: "Infelizmente, a mór parte dos meus colegas só se lembram de Deus na hora extrema da vida, quando as orações dos pobres, por eles tratados, acendem-lhes a vela da luz perpétua. E ainda bem é que assim seja, mas é tão precário o recurso..." — Sec.: C.

Cantinho Litúrgico

A parte preparatória da Sta. Missa começa com as **Orações ao pé do Altar**.

Munindo-se com o sinal da cruz, o sacerdote começa a sublime função à qual o impelem a glória de Deus, o amor ao próximo e o dever de seu ofício, com o Salmo 42 que reza alternadamente com o ajudante, representante dos fiéis. Este Salmo é um cântico que inclue a um tempo um pedido, um propósito e um acto de confiança em Deus.

Côncio de sua indignidade, confiando, porém, na infinita misericórdia do Senhor, reza o Confiteor, confessando a Deus, a Maria Santíssima e a toda a cúria celeste os seus pecados e culpas, pedindo perdão. Nisto é imitado pelo ajudante. Pela absolvição o sacerdote intercede pelo povo.

Cheio de confiança reza o celebrante alguns versículos acompanhado pelo ajudante. Então só sobe os degraus do altar. Mas ainda agora, esmagado pela majestade do sacrifício, pede, mais uma vez, que Deus o livre das iniquidades, para que possa entrar no santo dos santos com coração puro. E uma última vez apresenta o mesmo pedido, invocando em seu favor os merecimentos dos santos cujas reliquias se acham inclusas na ara, e os de todos os santos. Proferindo esta oração, en-

É bom saber...

— Quando um destacamento de bombeiros no meio da noite chegaram à residência do Cardeal Spellman, este recebeu-o na entrada do palácio com um grande sorriso e a notícia que ele já tinha apagado o incêndio com seu pequeno extintor. Acrescentou que era também bombeiro, mostrando o distintivo de membro honorário dos Bombeiros de Boston. Em seguida deu a cada um uma medalha de bronze com o retrato dele.

— Os dois jesuitas P. Bernard Hubbard e P. Calvert Alexander voltaram de uma longa viagem pelo Oriente. Verificaram que o cristianismo faz grandes progressos no Japão, principalmente por causa da atitude cristã dos soldados combinada com a campanha cristianizadora do General MacArthur que afirma: "Não há democracia sem o cristianismo". Diz o P. Alexander: "É possível que os vossos netos vejam passar para o Oriente o centro do poder mundial. Se dermos a seu povo o melhor de nossas tradições cristãs, e não a mistura de cristianismo e de política do século 19, que geralmente tem recebido, o Oriente pode tornar-se uma grande potência democrática... As oportunidades para missões cristãs aí são sete ou oito vezes — em alguns lugares, cem vezes — o que foram antes da guerra".

— Durante as prisões efetuadas, na França, em consequência da descoberta do complô recente, conhecido sob o nome de "Plan Bleu", o cura de La Poterie, P. Roger Rault, foi também acusado de cumplicidade. Entretanto foi deixado em liberdade. Para evitar as maçantes entrevistas dos repórteres, afixou na sua casa canônica um cartaz com os dizeres: "A polícia descobriu no sótão o seguinte: dois tanks de 35 toneladas, duas baterias de obuz de 75 milímetros... 35 engenhos de guerra de tipo ainda não inventado, a metade e uma bomba atômica..."

— Foi na última semana de Julho p. p. De uma caverna na costa meridional da França cinco piratas saíram numa possante lanchara a motor. Armados com fuzis atômicos e vestidos no uniforme de funcionários da alfândega, abordaram um cargueiro italiano que de nada suspeitava. Fecharam os tripulantes no porão e levaram para seu covil duas e meia toneladas de cigarros americanos.

(Time — New York).

costa as mãos unidas no altar e beija-o; pois o altar simboliza a Cristo.

MARIANOS CÉLEBRES

8. O Autor da "Jerusalém Libertada".

A cada um de nós revela-se, mais cedo, mais tarde, o facto inegável que não vivemos no Paraíso. Mas tal conhecimento não basta para convencer-nos que isto vale também dos nossos semelhantes, principalmente, quando êsses semelhantes se nos apresentam nimbados de glória mundana.

Olhando mais de perto as vidas dêsses homens célebres, verificamos mais uma vez a justeza da palavra de Salomão: "Tudo é vaidade". E nisto todos os homens são iguais.

Diferentes são, porém, na atitude que assumiram diante das vaidades da vida. Diferentes na sua conduta nas vicissitudes da peregrinação terrestre. O cristão torna-se herói, forte pelo amparo da fé; o homem sem religião desespera.

Representante da primeira classe é Torquato Tasso, o autor da "Jerusalém Libertada". Poucos homens alcançaram tão cedo fama e glória como êste ilustre filho da Renascença. Poucos conseguiram fascinar geração após geração com as obras de seu gênio, como o conseguiu Tasso com uma grandiosa epopéia cristã. Mas poucos também pagaram preço tão alto por uns momentos de gozo da glória.

Entretanto, se Torquato Tasso conhecia todos os segredos da arte poética, não era menos experiente na verdadeira arte de viver que o capacitou de coroar uma existência repleta de tribulações com uma morte digna de um discípulo de Cristo.

Sorrento, na Itália, pode gloriarse de ter visto nascer um dos maiores poetas cristãos. Ali nasceu Torquato Tasso aos 11 de Março de 1544. seu pai, Bernardo Tasso, também poeta, era descendente de antiga nobreza de Bérghamo. Sua mãe chamava-se Pórzia Rossi di Pistoja e pertencia à alta fidalguia napolitana.

Torquato Tasso contava sete anos de vida, quando um acontecimento político privou os pais de seu magnífico lar e dos meios de subsistência, sendo Bernardo acusado de alta traição e condenado à morte. Teve que fugir.

Esta fuga deveria exercer uma influência funesta em toda a vida do filho. Êste foi por enquanto estudar no recém-fundado colégio dos jesuítas de Nápoles, onde causou profunda impressão por seus progressos nas línguas latina e grega. Antes de completar os nove anos de vida, fez aí sua Primeira Comunhão e muitos anos mais tarde agradeceu ainda a Deus a graça de ter recebido o Pão dos Anjos, quando podia recebê-lo num coração puro, simples e ilibado.

Em 1554, Bernardo foi para Roma e chamou para lá seu filho. Com esta data começa para Torquato aquela vida errante que deveria ser sua sorte até o fim. Foi naquela época também que perdeu, pela morte, sua excelente mãe. Feliz dêle que tinha encontrado uma outra mãe em Maria Santíssima, à qual se consagrou na Congregação Mariana. Deste amor

E as águas subiram...

Numa pequena aldeia nas margens do rio Reno vivia numa casa afastada uma modesta família. Eram três pessoas: "seu" José, Dona Mariana e Pedrinho. Contava êste último nove anos de idade.

Certo dia na casa de seus pais:

— José, disse D. Mariana, vai hoje à tarde falar com o Padre Emilio, para pormos Pedrinho a aprender o catecismo para que possa tomar a Comunhão, pois êle está ficando muito crescido.

à Nossa Senhora hauria paz e tranquilidade nos muitos dias e noites pejados com torturantes febres, inquietações e angústias.

Pois sua vida tornar-se-ia uma verdadeira odisseia. Seria fastidioso enumerar todos os lugares que viu na penosa jornada. Consideremos, em vez disto, três elementos de sua vida.

Com 18 anos de idade, publicou Torquato Tasso uma grande epopéia romântica que granjeou-lhe muitos louvores. Já um ano mais tarde, esboçou o jovem poeta uma obra maior ainda, aquela obra que deveria colocá-lo entre os maiores vates de todos os tempos, a "Jerusalém Libertada". Seu ideal foi ser um Homero ou Vergílio cristão. E alcançou êste sublime ideal. Mas a custo de quantos sacrifícios e de quantos trabalhos! As viagens contínuas, a morte de seu pai, injustiças e perseguições exgotaram suas forças físicas e mentais.

Manifestações destas condições foram os seus escrúpulos religiosos. Tinha medo de ter faltado contra a fé ortodoxa; acusou-se perante a Inquisição, e, quando, depois de o ter ouvido, o Inquisidor de Bologna lhe assegurou que tudo estava em ordem, julgou êste julgamento uma cilada. Pior ainda. Via em toda a parte traição e perseguição. Foi necessário encerrar o grande poeta num manicômio. Mas mesmo assim conseguiu Tasso escrever versos magníficos.

Quando estava melhor outra vez, o Papa Clemente VIII chamou o creador da "Jerusalém Libertada" para Roma, cuidou paternalmente dêle e resolveu conferir-lhe a maior distinção conferida a um poeta: a coroação no Capitólio, honra que desde Petrarca não alcançou mais ninguém.

Não deveria, porém, receber em vida os louros tão bem merecidos.

Tasso sentiu a aproximação do fim. Retirou-se para o convento de Sant' Onófrío dos Frades Jerônimos. Os melhores médicos, entre êles o médico do Papa, Cesalpini, rodeavam-no de cuidados. Mas em vão. E Torquato estava preparado. Quando o P. Prior lhe trouxe o Viático, exclamou o poeta: "Exspectans expectavi Dominum". (Anciosamente esperei pelo Senhor). Na madrugada do dia 25 de Abril de 1595, passou, sem agonia, para a vida melhor. Toda a corte papal seguiu o féretro encimado pela corôa que em vida não pudera cingir.

E foi melhor assim. Pois ela simbolizava não somente a grandeza do poeta, mas ainda a mestria com que soube concluir uma vida cristã.

— Sim, Mariana, irei.

Passaram-se dois meses, e durante êsse tempo ia Pedrinho todos os dias na casa do bom Padre Emilio estudar e ouvir as lições de catecismo.

O rio Reno enchia de tempo em tempo, e todos tinham que se retirar para o cume do morro da Araponga e lá ficar até que as águas baixassem.

Começou a enchente certa vez, e Pedrinho na escola, quando o Professor, virando-se para êle, disse-lhe:

— Leia, Pedrinho, o trecho n. 1, página 4.

Êste começou:

— "Tudo o que existe na Terra foi criado por Deuspois..."

— Pare, gritou-lhe o professor, Arnaldo, pois assim se chamava, não leia Deus.

— Mas, "seu" professor respondeu Pedrinho timidamente, está escrito no livro que foi Deus que...

— Cale-se, seu carola!

Todos os alunos riram. E o professor continuou:

— Não enxerga você que êstes que se dizem Padres, também não acreditam em Deus, mas estão esperando uma ocasião para sair pelas ruas gritando: "Viva o Comunismo?!"

Mas de repente bate o sino.

Todos saem e Pedrinho também, mas com lágrimas nos olhos e um dos seus colegas de escola vendo-o, gritou aos outros:

— Vejam! está chorando só porque o Dr. Arnaldo falou dos carolas dos Padres.

Todos avançaram para Pedrinho rindo às bandeiras despregadas, e dando-lhe pontapés, empurrões etc., quando de repente se ouvia uma voz:

— Parem, corram para suas casas, que as águas estão subindo velozmente!

Pedrinho levantou-se timidamente e olhou para ver seu companheiro que o tinha salvo daqueles brutos, mas não viu mais ninguém: todos tinham fugido de medo da enchente.

Êste, em vez de seguir a sua casa, foi visitar a capelinha de Nossa Senhora da Glória para rezar pelo seu professor e também para pedir a Deus que no próximo domingo pudesse tomar bem a 1ª Comunhão, já então preparada.

Mas eis que as águas já estão inundando tudo e na casa de seus pais chora D. Mariana aflita, pela demora de seu filho querido. Esta, não podendo mais conter-se, pede auxílio ao seu companheiro de aflição. Seu José então consola-a:

— Talvez tenha ido fazer alguma coisa ao seu Arnaldo; espera, não demora e êle está aí.

Mas passa-se meia hora e nada de Pedrinho. Então diz D. Mariana:

— Vamos procurar êste menino, que lhe aconteceu alguma coisa.

Saem com água no joelho à procura do ente mais querido que tinham no mundo.

Mas, percorrem a aldeia toda e nada; então José sugere:

— Talvez já tenha subido o morro com os vizinhos.

ESCOLA DE GUERRA (XVIII)

35. Evitem diligentemente qualquer amizade ou conversação desnecessária com pessoas más ou suspeitas. (1) Guardem-se de leituras (2) e espectáculos inconvenientes. (3) E geralmente fujam de todas as ocasiões que possam ser de perigo a suas almas ou de escândalo e desedificação ao próximo". (4).

Comentários: (1) Notem-se bem as duas palavras "diligentemente" e "desnecessária". O primeiro indica o cuidado que devemos ter de conservar a nossa alma pura e a nossa fé firme. Pois não se pode subtrair-se à influência má que exerce um trato constante com pessoas más ou suspeitas. Quantas perdas a Igreja e a C. M. têm a lamentar por causa do desprezo desta regra elementar. "Desnecessária": êste termo indica que nem sempre podemos evitar o trato com pessoas más ou suspeitas. Mas então podemos contar com a proteção de Deus. — (2) As leituras inconvenientes constituem um dos meios mais eficazes de que o inimigo lança mão para apagar a chama da fé em nossas almas. Tantas há que sentem cerceada sua liberdade por êste aviso. Engano triste, engano proveniente da inexperiência e do orgulho. — (3) Tanto maior é o perigo causado por tais espetáculos, quanto maior a impressão que fazem as cousas percebidas por vários sentidos. — (4) Fugir das ocasiões de pecar é indicio do interesse pela santificação própria. — Muitas vezes será preciso abster-se de cousas em si licitas, mas que podem escandalizar o próximo que não conhece os motivos para determinado modo de proceder.

E lá se vão pai e mãe aflitos por causa de seu filho.

Vejamos o que está acontecendo a Pedrinho.

Êste, chegando à capela, vendo a água subindo ao altar, corre a casa do P. Emilio que fica ao lado da capela. Chega à porta, bate, mas em vão, grita, chora, nada. Vai então à sacristia, vê a chave do sacrário, põe-na ao bolso e com água no peito vai para o altar, sobe e com a pequena chave abre o sacrário e tira o cálice, abre-o e vê que tem apenas uma hóstia consagrada. E então olha. Êle em pé sobre o altar e a água já lhe toca o joelho. E colocando a sagrada hóstia nos lábios, fecha os olhos e seu pensamento está em Deus.

E e a água continúa subindo, subindo gradativamente.

No dia seguinte todos descem do morro, pois as águas já tinham voltado ao seu leito. Cada um vai para sua casa, se as águas não a levaram.

Também o P. Emilio vem ver a casa de Deus, e que vê?: Pedrinho inerte sobre o altar, trazendo na mão esquerda junto ao peito o cálice sagrado.

O Padre tira das mãos do defunto o cálice, para ver a única sagrada hóstia que tinha deixado.

Abre-o; a hóstia tinha desaparecido.

Assuero Dias
3º gin. A.

da Carmelita aproximou-se d'ele e sussurrou-lhe algo ao ouvido.

"Naturalmente. Receberemos sua permissão", disse Manuel, antes de ter Carmelita acabado de falar. "Don Enriquo, há aqui dois homens com bons veleiros"?

"O quê?! Você quer mais navios? Santa Maria, o que será o seguinte"?

"Não; mas eles têm que viajar imediatamente, um para falar com meu pai, o outro para falar com os pais de Carmelita. E eles terão que estar de volta amanhã de manhã, e casaremos tão logo eles estejam de volta".

Cada homem possuidor de um barco qualquer apresentou-se pressurosamente. Nenhum deles exigia pagamento. O nobre Don Enriquo escolheu os dois melhores marinheiros, que, por sua vez, se cercavam dos companheiros de sua escolha; e tendo-os com a ajuda de Manuel — instruído quanto ao paradeiro dos respectivos parentes e cuidadosamente preparado quanto ao discurso que tivessem que pronunciar, desejou-lhes velocidade e, enquanto içaram as velas, prometeu-lhes um jantar especial pago de seu próprio bolso, se estivessem de volta com a madrugada.

Com excepção das crianças da mais tenra idade, ninguém dormiu aquela noite. O Padre Horn dedicou uma hora à instrução religiosa dos dois sobre a religião em geral e uma outra sobre o matrimônio em particular, mais uma em ouvir suas confissões, e o resto da noite em enfeitar a capela. O pequeno comandante do "A Jovem Índia" experimentou seu barco. Atando duas cordas aos magníficos desenvolvidos dedos grandes dos pés e ao leme, dirigiu assim o bote, enquanto as mãos manejavam as velas. Muitas vezes tinha visto fazer-se isto, e encheu-se de orgulho e alegria, verificando que ele mesmo o podia fazer também. Cláudio nasceu para ser um grande comandante de navio. Quase todas as mulheres da aldeia estavam ocupadas em ajudar a fazer tortas e outros pratos tropicais. Os homens saíram, alguns em busca de comida e camarões, outros para o cocal de Dom Enriquo, para fazer ampla provisão de cocos. As melhores mãos para obras de agulha davam horas à confecção do vestido nupcial e do véu de Carmelita. Toda a noite, os dois prometidos conversavam, cantavam hinos, rezavam o terço — receberam-no do Padre Horn depois da confissão e nos intervalos vinham ver as cozinheiras e as costureiras, estimulando-as para se apressarem o mais possível.

Foi um quadro tocante.

Uma hora passou; o sol despontou; passou um quarto de hora, e então...

"Uma vela! Uma vela!" gritou Don Enriquo.

Gritos e uivos quebraram o longo silêncio. A massa estava justamente voltando à calma, quando o caudatário, perdendo sua pose estatuesca, exclamou:

"Mais uma vela!" e, esquecendo-se na alegria de sua dignidade, ensaiou uma pirueta caraíba.

Seguiu-se um pandemônio durante o qual os sinos, sacudidos

por mãos experimentadas, espalharam seus sons melodiosos, e todos formaram para a procissão nupcial.

VII

Ninguém duvidava que os pais do casal juvenil dessem seu consentimento. E o que se seguiu mostrou que o que todos previram, estava certo. O pai de Manuel mandou dizer que o rapaz realmente precisava de alguém que o mantivesse na linha, e uma esposa poderia encarregar-se disto. A mãe de Carmelita enviou à menina as mais cordiais congratulações, ao jovem suas mais sentidas "condolências". Ambas as mensagens foram recebidas pelos destinatários com perfeita alegria e impeccável gravidade.

A procissão era uma beleza. O feliz par, seguido imediatamente pelo caraibazinho Cláudio e duas meninas envolvidas em roupões tão brancos como seus dentes, segurando cada uma nas mãos uma guirlanda de flores, Cláudio conquistou a atenção de todos. Cabeça para trás, os olhos revelando apenas o branco, virados para o céu, o peito inchado, ele moveu-se com uma pavonada que, sem muito exagero, poderia ser classificada como passo-de-ganso militar. O menino estava simplesmente rebrantando de orgulho. Vários homens na procissão, dotados de um senso de humor, enviaram secretamente fervorosos jaculatórias ao céu, suplicando que o caudatário se atrapalhasse no seu imaculado roupão e caixe. Mas não tiveram sorte.

Mais uma vez, os sinos badalavam. Se você quiser conhecer as possibilidades de tocar os sinos de uma igreja, deve ir para as Honduras Britânicas. Nenhum serviço pode começar naquela terra bendita sem três diferentes anúncios executados com os sinos; cada vez o badalar é diferente. É uma mistura de prolongada doçura, tendo cada variação sua significação própria.

Antes do fim da segunda "tocata" do sineiro, as duas meninas de flores, bonitas lourinhas espanholas de tenra idade, conseguiram imitar o passo apavonado do caudatário; alcançaram este feito com perfeita gravidade.

A quarenta passos da igreja a procissão se deve afim de dar ao sineiro ocasião de executar a terceira variante. E a alma daquele doce, argênteo tintinábulo nupcial.

Quando o reverendo Horn, chegando à porta da igreja durante esta última exibição musical para receber o casal, levantou os olhos, estacou, abriu uns grandes olhos e enterrou a face e os sorrisos no seu ritual.

Todos, com excepção dos felizmente incôscios noivos, estavam executando o passo-de-ganso militar. Cláudio ganhara as honras do dia.

A porta da igreja, Padre Horn casou-os; e nunca o sol da Baía de Honduras brilhará sobre um noivo mais nobre e uma noiva mais doce. Completada a cerimônia nupcial, Padre Horn, tomando os dois pela mão, levou-os ao altar. Ai ficavam ajoelhados, enquanto as duas meninas com suas guirlandas de flo-

res os uniram como Ihes pusessem a canga.

Muitos dos presentes — seja feita justiça à verdade — católicos que poucas vezes se viam na igreja. Mas um casamento de manhã era uma novidade. Por isso, tendo acorrido para rir-se, ficaram para edificar-se. Manuel e Carmelita tinham sido bravos e rabugentos. Mas sua fé era viva. E esta fé eles a demonstraram em todas as suas ações, principalmente na recepção eucarística.

Da igreja, a procissão marchou para a casa mais ampla da ilha, a de Don Enriquo. Este bom mas fortemente aturdido homem tinha posto sua habitação à disposição dos noivos e de sua comitiva. Para lá marcharam como os prussianos numa parada. A casa era do estilo prevalecente; de facto, poder-se-ia dizer do estilo único, diferindo dos outros apenas pelo tamanho e altura. Largos troncos a prumo e duas filas de estacas ligadas por varas de salgueiro formavam a armação; o resto era barro cozido com um teto feito de ramos de palmeira. Tais tentos são impermeáveis para a água e muito procurado pelos escorpiões. Nos fundos da casa de Don Enriquo havia um sorridente pomar. E foi ai que se serviu a refeição nupcial aos recém-casados e aos mais hóspedes, uma refeição que ainda hoje vive na memória tenaz da ilha.

Manuel estava com fome. Refeccionou-se com as glândulas salivares mais "irrigantes" que de costume. Sua linda consorte, refestelada ao lado d'ele, contentava-se em apascentar seus olhos com o aspecto do jovem esposo. Era ela a mansidão corada em forma humana. Seria difícil imaginar que qualquer ente humano pudesse ser mais gentil que seu talhe. O feliz par possuía abastada provisão de bom apetite e ainda melhor idílio. Mas a distribuição destes bens era tristemente desigual. Manuel tinha todo o apetite, Carmelita todo o idílio. Segundo todas as aparências, o jovem cavalheiro nem se lembrava já da existência dela. Mas afinal, ele era um rapaz e nada mais. Tinha sido ativo demais naquele dia para ter tempo para sentimentos.

O primeiro prato estava ainda sendo servido, quando o padrinho veio cochichar alguma coisa ao ouvido de Manuel.

"Senhor Manuel", disse, "há aqui um grupo de moços que voltaram de recolher goma. Cantam admiravelmente. Um deles toca bandolim, e os outros cantam que é uma beleza, de mansinho e bera doce. Pode ser, isto é, dizem, talvez se recebessem um pouco de caninha de que gostam muito, ficariam encorajados para cantar. E dançam danças espanholas, como fadas".

"Bem, vá dar-lhes caninha", retrucou Manuel.

"Está tudo muito bem. Mas nós somos pobres. Não temos nada. O senhor é muito rico. Pode comprá-la por vinte e cinco centavos a garrafa".

"Está claro, pagarei. Onde vai comprar?" Enquanto Manuel falava, tirou do bolso sete notas de banco novinhas da silva que tinha

guardado para as despesas de sua viagem de nupcias.

"Oh, Manuel", implorou Carmelita, "não faça isto. Podemos gastar o dinheiro de um modo melhor".

"Agora, olhe aqui", gritou o grande jovem severamente, "gostaria de saber agora mesmo: quem é o chefe desta família"?

"Oh, desculpe, desculpe, Manuel! Você é o chefe. Eu... eu me tinha esquecido. Faça o que achar bom".

Manuel, olhando para ela com uns olhos duros de desgosto, voltou-se para o padrinho. "Quem vende a droga?"

"Oh, Don Enriquo, naturalmente. Está no armazém agora, mandando viveres para cá".

"Bem. Tome aí esta nota de cinco dólares e vá lá comprar toda a caninha que ele lhe der". E Manuel dirigiu toda a sua atenção para um prato de omeletes.

Foi então justamente que Cláudio, o jovem caraíba, entrou no pomar e, abrindo caminho com os cotovelos, foi ao lado de seu patrão. O roupão, comprido e imaculado, fora largado em um canto qualquer. O rapaz estava agora vestido com um gosto que era quasi severo. Na sua cabeça enfiara um boné azul com a palavra "Capitão" impressa em letras ousadas na parte superior. Quanto ao resto, usava um par de calças nas quais sobrava fazenda bastante para fazer um lenço de bom tamanho.

"Senhor Manuel", disse, "tudo está pronto. A rede e as ferramentas e as provisões estão no porão e eu posso sair de pressa — bem depressa. Também o meu botezinho — aquele que o senhor comprou — espera para levá-lo a bordo".

"Cláudio, acho que vou aumentar teu salário. Ué! Que barulheira é esta?"

Esta pergunta foi provocada pelo repentino reaparecimento do padrinho cujo rosto estava corado de excitação. Na mão ainda segurava a nota de cinco dólares.

"Bem, que é que há?"

"Don Enriquo diz que virá num minuto e explicará. Diz para você esperar. Chegará já e já".

"Mas onde está a caninha?"

"Ele não quer vender-lhe a água-ardente".

Ué, não quer? Que tipo ousado! Por que não?"

"Porque o dinheiro é dinheiro dos Confederados". (1).

VIII

O banquete chegou a uma inesperada interrupção. Homens e mulheres olhavam-se uns aos outros sem saber o que pensar. Manuel empalideceu.

"Não compreendo", disse depois de algum tempo.

Mas Don Enriquo — homem muito sábio — ele compreendo. Diz que há anos, veio para cá um soldado sulino (i. é, dos estados confederados na Guerra de Secessão, antes do fim da guerra. Aquele soldado comprou a ilha que você comprou ontem. Vivía ali.

(1) dinheiro dos estados vencidos na Guerra de Secessão.

(Continua)

(Continuação)

"Minha mãe casou com dezesse-
te anos", ponderou Manuel

"Minha com catorze", informou
Carmelita, retirando as mãos o
tempo justo para fazer esta obser-
vação.

"E esta manhã", continuou o
homem mais rico da colônia,
"quando eu disse ao Professor
Stanton que queria ser jesuíta..."

"O quê?" gritou Carmelita, reti-
rando as mãos.

"Sim. Pensava que poderia des-
ta forma voltar ao Colégio S. João.
Além disto, desejava estar com
êle. Quando eu lhe disse aquilo,
riu-se. Não me importo quando o
Professor Stanton se ri de mim.
Com outros isto é diferente. E êle
disse que Deus não queria que eu
fosse jesuíta".

"O Professor Stanton é um ho-
mem muito sábio", sentenciou Car-
melita, e cobriu mais uma vez a
face.

"E sabe o que êle disse, Carme-
lita? Ora, êle me disse que econo-
mizasse e comprasse uma proprie-
dade e rezasse para achar uma boa
esposa".

"Ah, Ah!" exclamou Carmelita.

"E não preciso de economizar.
Sou rico. E comprei uma proprie-
dade... e... Carmelita, se me
casar com você, não terei que gas-
tar tanto tempo com rezar".

"É isto mesmo", observou a me-
nina.

"Sim, Carmelita. Refleti sobre o
caso e seguirei o conselho do Pro-
fessor Stanton e casar-me-ei com
você".

"Está certo", disse a moça.
"Quando?"

"Quando?" repetiu o rapaz.
"Carmelita, vou dizer-lhe mais
uma coisa. O Professor Stanton
sempre me diz que devo fazer as
coisas depressa. Êle me disse que
os americanos fazem as coisas, en-
quanto a gente da América Cen-
tral está pensando nelas. Êle diz:
"Nunca deixe para amanhã o que
pode fazer hoje". Quando Don En-
riquo volta com aquele barco, ire-
mos imediatamente a bordo, passa-
remos para a outra ilha e casare-
mos numa vez".

"Acho", disse a feliz donzela,
que podemos dar ao Professor
Stanton todo o nosso tesouro".

"Carmelita", voltou Manuel, ra-
diante, "começo a gostar de você".

"Mas convém que tenhamos um
bom casamento católico", contin-
ou a menina. "Um padre, o badalar
de muitos sinos, pelo menos três
vezes, duas meninas com as flores
e a santa Missa".

"Carmelita, você tem razão", ad-
mitiu, com um suspiro, o esposo
eleito. "E para mim está fora de
dúvida que hoje não podemos ter
uma Missa. Será amanhã".

"Mas talvez não haja sacerdote
na ilha".

"Talvez não. Mas a sorte está
correndo ao nosso encontro. E se
não houver padres alugarei um
barco, embarcaremos hoje de noi-
te e casaremos amanhã de manhã".

"Quero um véu que cai até os
pés".

"Você terá o seu véu".

"E que vai dar ao Professor
Stanton? Nós não precisamos de
dinheiro. Eu tomarei conta do co-
cal e plantarei no resto do terreno

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

cousas boas para comer e vender.
Você pescará e venderá o que nós
não comeremos. Estamos bem ar-
ranjados. Não precisamos de na-
da. Que vai lhe dar?"

"Darei a êle tôdas as notas de
banco com exceção de uma de ca-
da maço. Isto fará noventa e cin-
co dólares para nós. Guardaremos
também vinte e cinco moedas de
ouro".

"Está, bem", exclamou a meni-
na, batendo palmas. "E agora, Ma-
nuel, se quiser descansar, irei
apanhar mangos e outras cousas
para que você possa comer".

"Como você pensa em tudo. Eu
me esqueci. Teremos que cancel-
lar aquele jantar a passar fome
ambos. Enquanto vais, Carminha,
aprontarei esta caixa com o di-
nheiro para levá-la ao Professor
Stanton na nossa viagem de núp-
cias".

"Oh, Manuel", gritou Carmelita,
e estava mesmo bela. A luz do
amor brilhava nos seus olhos
quando se afastou em busca de
provisões.

Quando Manuel tinha arrumado
o dinheiro no caixão e escondido
o mesmo num canto da choupana
que seria seu futuro lar, Carmeli-
ta voltou com os mangos e outras
frutas tropicais.

Então os dois sentaram-se e dis-
cutiam o seu futuro plácidamente.
Receberiam a santa Comunhão na
Missa nupcial, mesmo se tivessem
que ficar em jejum até o meio dia.
E fariam uma confissão geral de
tôda a sua vida.

"Uma vez casado, não farei mais
bobagens", comentou Manuel. "O
Professor Stanton diz que o me-
lhor tempo para um homem refor-
mar sua vida é quando casa".

"Você não poderia dar-lhe tam-
bém duas ou três daquelas peças
de ouro?" sugeriu a menina.

"Pode ser. Gostaria mesmo. Se
sobrar algum ouro de nossa via-
gem de núpcias, vamos dar-lh'o.
Êle é o meu melhor amigo".

"Eu gosto mais dêle do que vo-
cê", disse Carmelita.

Durante os cinco minutos que
seguiram esta observação, parecia
que todos os planos de casamento
iriam às favas. A disputa achou
seu fim num silêncio amuado de
parte a parte. Olhando para o mar,
Manuel começou distraidamente a
cantarolar as palavras de uma la-
dainha. Foi a Ladainha de Nossa
Senhora que os alunos do Colégio
S. João cantavam cada semana
uma vez. Carmelita serenou. Ela
também conhecia esta melodia. E
a menina possuía um doce contra-
to. Tranquilamente, ela começou a
cantar. A voz de Manuel, um te-
nor promissor, tornou-se mais for-
te. Muito cedo, os dois misturaram
suas vozes no dueto mais suave
que jamais feriu os ouvidos dos tu-
barões do Mar das Caraíbas. Da
ladainha passaram para outros
cânticos sacros. E prolongaram o

seu cantar até que voltou a paz
aos seus corações e a tranquilidade
aos seus rostos.

"Carminha, eu também tenho
uma idéia boa", disse Manuel. "De-
pois disto, quando ficarmos abor-
recidos um com o outro, cantare-
mos a ladainha".

"É uma boa idéia. Desculpe-me".

"Eu também peço desculpa. E
olhe! Aqui vem o barco".

"Diga lá, Manuel", observou a
menina, ao encaminharem-se para
a praia. "Vou dizer-lhe alguma
coisa. Confesso. Estava fingindo,
quando exigi que partilhasse co-
migo o tesouro. Não quero coisa
nenhuma".

"Ora! Por que, então me pregou
esta peça?"

"Porque, Manuel, eu pensava
que isto lhe desse a idéia de casar
comigo".

— "E estava fingindo também,
quando chorava?"

— "Manuel", retrucou a menina
chorando, sem aliás, jamais res-
ponder àquela pergunta, "desde o
momento que o vi, eu... eu...
gostava muito de você".

"Vamos! Vamos depressa para
a praia", disse Manuel que come-
çou a achar um pouco massante a
conversa.

VI

A viagem para a ilha quase
que fez enlouquecer ao velho. An-
tes de estarem bem encaminhados,
êle constatou que tinha vendido
a Manuel o barco por vinte dólares,
dez à vista e a outra metade a ser
paga depois da viagem de núp-
cias. Cinco minutos mais tarde, ad-
mirava-se de como podia desfazer-
se de sua querida caixa de ferra-
mentas por dez dólares. Antes que
pudesse dar-se conta que já não
era dono das ferramentas, êle con-
cordou em vender os apetrechos de
pesca pelo mesmo preço e nas mes-
mas condições comerciais. Duran-
te tôdas estas transações, o velho
não deixou em paz os santos do
céu. Invocou-os a todos em geral e
apelou a um grande número dê-
les individualmente. Sua alma es-
tava revolucionada até as mais
profundas profundezas.

Foi Manuel quem inaugurou to-
dos êstes negócios, mas foi a ínte-
ressada Carmelita de olhos vivos
quem os levou à conclusão. A me-
nina tinha um gênio especial para
os negócios. Várias vezes, Don En-
riquo deixou de rezar para lutar
consigo mesmo e contra a tenta-
ção de apunhalá-la e atirá-la ao
mar. Mesmo quando as transações
cessaram, Don Enriquo não esta-
va no fim de suas tribulações. Me-
nino e menina carregaram-no com
encomendas a serem atendidas de
um momento para o outro. Entre
estas estava a da compra de um
véu — um véu nupcial — com uma
cauda de pelo menos um metro de
comprimento.

"E", disse Manuel, "Cláudio car-
regará a cauda".

Esta peça de informação tornou

ao caraibazinho tão contente que,
usando de preferência os dedos
dos pés, trepou na mastreação e
executou tais façanhas de acroba-
cia, que, segundo tôdas as leis do
cálculo de probabilidade, deveriam
ter posto um fim prematuro à sua
inocente mocidade.

Cuidou-se também de impressio-
nar a mente de Don Enriquo que
o jovem par estava "rico além dos
sonhos de um avaro". Êles, o
notável rapaz e a admirável moça,
tinham descoberto um tesouro. Di-
nheiro para êles não fazia falta. O
seu planejado casamento tinha que
ser um sucesso completo amanhã,
mesmo se fosse necessário alugar
todos os navios da ilha e que to-
dos os homens, mulheres e crianças
tivessem que labutar como ne-
gros.

Na curta viagem de vinte e cin-
co minutos, o sempre sorridente
caraibazinho foi nomeado coman-
dante do barco recém adquirido,
com a estrita ordem de rebaptizá-
lo com o apelido "A Jovem Índia".
O nome tinha que estar pintado
sobre a prôa. Na manhã seguinte,
tudo quanto Manuel comprara, ti-
nha que estar embarcado e, depois
do casamento, o comandante deve-
ria estar pronto para conduzi-los
em viagem de núpcias imediata-
mente que tivesse recebido ordens.

Apenas a âncora estava lançada,
quando o feliz casal, muito sem
cerimônia, se dirigiu à praia. Va-
deando água com quatro pés de
profundo não os incomodava. An-
tes de pôrem pé em terra, homens
e mulheres vieram ao seu encon-
tro para vê-los. Os nativos eram
na maioria de sangue Hispano-in-
dio. No meio dêles, usando roupa
kaki, alto e esbelto, com um rosto
genuinamente branco, estava o
Padre Horn, sacerdote missionário.

"Alô, Padre", gritou Manuel, mal
pisara em terra. "Não se lembra
de mim? Fui aluno de seu colégio
até esta manhã. Fui expulso hoje
de manhã, naufraguei ao meio dia
e comprei uma propriedade esta
tarde — e agora quero casar".

Imediatamente o Padre Horn en-
cetou uma conversa em particular,
com o par juvenil. Informou-se
acêrca de parentesco, idade, histó-
ria de suas famílias, das circuns-
tâncias que levaram aos esponsais
— e a tudo isto três quartos dos
motivos prestavam um ouvido
atento.

O Padre Horn fez ver-lhes vá-
rias dificuldades. Eram novos de-
mais. De forma alguma, foi a res-
posta. Foi nesta altura que a co-
missão de conselheiros, formada
espontaneamente pelos nativos,
depôs o seu testemunho, falando
um por um dos "conselheiros"; e o
Padre Horn aprendeu, com alguma
admiração, como um bom número
de casais pela colônia afóra tinha
casado cedo.

Havia certas dificuldades legais.
Em seu auxílio veio Don Enriquo,
em cujo rosto tisonado ainda pa-
rava algum espanto. Êle poderia
aplinar as tais dificuldades legais.

Finalmente, o Padre Horn decla-
rou que, em vista da tenra idade
dos dois, não podia, nem queria
casá-los sem o consentimento de
seus pais.

O queixo de Manuel descaiu. Es-
tava em xeque-mate. Então a lin-